



JÚLIO DANTAS

A SEVERA

LIVRARIA BERTRAND

1907

JÚLIO DANTAS

*Sócio efectivo da Academia das Sciências de Lisboa
Da Academia Brasileira de Letras*

A SEVERA

PEÇA EM QUATRO ACTOS

5.^a EDIÇÃO

0160201823

PER ORDINEM PUBLIS



LISBOA
PORTUGAL-BRASIL
SOCIÉDADE EDITORA
ARTHUR BRANDÃO & C.^a
RUA DA CONDESSA, 80

FIGURAS (*)

<i>D. João, conde de Marialva</i>	AUGUSTO ROSA
<i>D. José</i>	HENRIQUE ALVES
<i>O Custódia</i>	JOÃO ROSA
<i>Romão, alquilador</i>	JOÃO GIL
<i>Timpanas, balheiro</i>	SETA DA SILVA
<i>Diogo</i>	ANTÓNIO PINHEIRO
<i>Roque</i>	LAGOS
<i>O Mangerona</i>	SILVA
<i>O Falua, moço de estribeira</i>	QUARESMA
<i>O Mulato, idem</i>	MASSAS
<i>Severa</i>	ANGELA PINTO
<i>A Marquesa</i>	MARIA PIA
<i>Chica</i>	MARIA FALCÃO
<i>Maria da Luz</i>	ELVIRA SANTOS

A acção passa-se nos meados do século XIX, em Lisboa.

(*) A distribuição indicada é a primitiva (1901).

PRIMEIRO ACTO

Um café de lepes, na Mouraria, ao tôpo da rua do Capelão. Coito de bolieiros, alquiladores, marchantes e galdranas. Á esquerda alta, uma escada, dando para a sôbre-loja onde o Conde de Marialva tem um quarto alugado. Balcão à direita. Porta ao fundo, com três degraus de pedra, deitando para a viela. Sôbre uma das mesas, uma guitarra.

SCENA I

ROMÃO, DIOGO, MANGERONA, o CUSTÓDIA

O ROMÃO, *tipo de alquilador alentejano, jaleca de astra-can, calça de belbutina, espora num pé só, conversa com DIOGO, a uma das mesas da direita baixa. O MANGERONA, moço do café, cara alvar, segue do balcão a conversa. O CUSTÓDIA, pobre diabo epiléptico, aleijado dum pé, a cara arrepanhada pela cicatriz duma queimadura, ri sòzinho, assentado num banco da esquerda baixa, a contar moedas de prata que vai descosendo do fôrro da vésia.*

ROMÃO

Eu cá, não é por me gabar, mas inda há de vir o mais pintado que me intruje em alborque de cavalgadura. Nem cigano!

MANGERONA, *ao balcão*

Basófia!

DIOGO

E que tal de negócio?

ROMÃO

Vai num sino.

DIOGO

Boas vendas?

ROMÃO

Das melhores. (*Num risinho vitorioso*) Ainda não há muito tempo! Tinha para aí um baio rodado, velho que podia ser meu avô e com verdugos procedidos de aguaduras, que era uma boa bêsta p'ró esfolá. Vai, que lhe fiz eu?

DIOGO

Você? Deu-lhe um tiro, bem de ver!

ROMÃO, *numa risada*

Vendi-o.

MANGERONA

A algum espanhol que era cego?

ROMÃO

Limei-lhe os dentes para encobrir a idade, pus-lhe mel na bôca para fazer boa espuma e

grozei-lhe os cascos por via da moléstia. (*Rindo muito*) Parecia outra, o raio da cavalgada! Vinte moedas. Oirinho, ali, tinindo. E foi pelo San-Bartolomeu, na Charneca.

DIOGO

Mas êle rosna-se por aí que você, de vez em quando, também é intrujado.

ROMÃO, *numa atitude de dignidade*

Eu?

MANGERONA

Olá se rosna!

ROMÃO, *furioso ao* MANGERONA

Quem te vendeu essa, ó meu choca-lêndea?

DIOGO

Certa impingidela duns ciganos, na Agualva. . .

ROMAO

Mentira!

DIOGO

Um garrano que você feirou por ter bons brancos, e que afinal era zaino como a mãe que o pariu! (*A um gesto negativo do ROMÃO*) Não négue, homem! Essas coisas sabem-se.

ROMÃO, *entre dentes*

Raios os partam!

DIOGO, *rindo*

Os brancos eram todos feitos a cal, pela ciganada!

ROMÃO

Pois sim, mas eram bem feitos! Aí é que é! Calçado do pé de cavalgar e da mão da lança, e com boa estrêla, quem diabo é que não cai! Também, foi só dessa vez que me embaçaram. Agora, fia mais fino! Que venha o mais pintado! (*Para o MANGERONA, que larga uma gargalhada*) Ora, dá-me daí uma francisquinha, ó meu cara de páscoa, e não te mêtas com as conversas da gente!

MANGERONA, *servindo-lhe aguardente*

Êle inda se rosna de mais vezes que vossemecê foi intrujado.

ROMÃO, *dando um murro na mesa*

Bom! Mando-te dois murros à piolhosa que vês as estrêlas! Que entendes tu de cavalgadas, para te prantares aí a falar comigo?

DIOGO

Venha um de lepes, Mangerona.

ROMÃO

E tabaco, ouviste? (*Para* DIOGO) Não sei que diabo ia dizendo. Ah! Você sabe dalguém que queira vender algum cavalicoque? Para entrarmos em trato...

DIOGO

Não tenho idea. Só se...

MANGERONA, *que, por detrás do ROMÃO, faz sinais ao*
DIOGO

Só se fôr o senhor D. João. Vossemecê conhece?

ROMÃO

O Conde de Marialva?

DIOGO, *trocando um olhar de entendimento*
com o MANGERONA

É verdade. Cuido que tem um bom lazão.

MANGERONA, *assobiando*

Coisa fina!

ROMÃO

Lazão, ou muito bom ou muito ladrão. Mas onde adregarei eu de falar com êle?

DIOGO

Isso, agora, o melhor é na cocheira da rua do Arco.

MANGERONA

Ou então, esperar. *(Olhando o relógio)* A estas horas já acabou a toirada, e o senhor Conde, na volta, vem sempre por aqui.

DIOGO, *apontando a escada da E.*

Quando fica em Lisboa, é cá em cima que êle dorme.

ROMÃO

Então, já agora, espero. *(Para DIOGO, que está fumando)* Venha lume. Pois não sabia que o Marialva toureava hoje.

DIOGO

Olhe que não perde tempo. Ouve a Severa cantar o fado, que é certa aqui todas as noites.

ROMÃO

A Severa? Já ouvi falar.

MANGERONA

Também foi à toirada dos fidalgos.

ROMÃO, *arregalando o olho*

Boa égua criadeira, hein?

DIOGO

É a maior fadista cá da Mouraria. Quando canta, parece que a alma da gente vai atrás dela. Mas, sangue de cigana, braço peludo e lume no olho! Não é quem quer; é quem ela quer. Entende você? Calco polido, lenço encarnado, e aquilo arranha o faduncho que é um resplendor! (*Para o CUSTÓDIA, que os olha por sobre o ombro, inquieto, desde que ouviu o nome da SEVERA*) Não é verdade, ó Custódia?

CUSTÓDIA, *depois dum instante de silêncio*

Ora, vai-te catar!

DIOGO

Gostas de música. Foi vêso que te ficou das sacristias.

MANGERONA

Nunca lá tocavam o fado no órgão, ó Custódia?

DIOGO

Se te adiantas muito com a Severa, ela vira-te de cangalhas!

Sempre desconfiado, o CUSTÓDIA guarda o dinheiro e põe-se de pé, para sair.

ROMÃO, *reparando no aleijão do CUSTÓDIA e rindo às gargalhadas*

Olha... É como os cavalos esparavonados, põe o pé de ponta! Ouve lá... Quando manquejas tu mais? Quando saís da estrebaria, ou quando aqueces?

DIOGO

E aqueles castiçais de prata que roubaste em Guimarães, ó meu cheira-defuntos?

CUSTÓDIA, *encaminhando-se para a porta e olhando-os com rancor*

Bandalhos! Bandalhos!

SCENA II

OS MESMOS, *menos CUSTÓDIA; em seguida, TIMPANAS*

TIMPANAS, *assomando ao F., de chapéu de pêlo de coelho, niza azul, chicote e esporas de latão, tipo dos bolieiros do Rossio de 1840*

Ora benza-os o criador dos melros!

DIOGO

Eh, Timpanas!

ROMÃO

Por aqui?

TIMPANAS, *descendo, enquanto o CUSTÓDIA se esgueira*

Na ganga da maviosa, pois então! (Ao MANGERONA) Venha essa bagaceira, com mil raios, que se me secam as guelas! — Boa toirada, rapazes!

DIOGO

Já acabou?

MANGERONA, *servindo a aguardente ao TIMPANAS*

Pronto!

TIMPANAS

Foi só o tempo de trazer de lá, na sege, de batida, um janota de moscóvia e colete côr de pérola, que se chama Garretas, ou Garrett, ou que diabo é. Encontrei no caminho o senhor Conde, que já vinha de volta, a cavalo. Ah, rapazes! Cravou num cornante um rojão à tira, que tudo se levantou a gritar: bravo! bravo! Depois, outro de cara, num lombardo! Bem metido, *vive Diós!* Ao cabo, quási que me fugiu a luz dos olhos. Só lhe via a casaca de veludo encarnado, picada de oiro, entre a poeira, e numa chapada de sol, ao alto, a cara da Severa. Que bela toirada!

DIOGO

Praça cheia, hein?

TIMPANAS

A deitar por fora!

ROMÃO

E a sege?

TIMPANAS

Passei-a ao Manoel *Bem-Bom*. Pois então!
Para poder cá estar, quando chegasse o senhor
Conde.

ROMÃO, *abraçando-o*

O Timpanas!

TIMPANAS

Não tarda aí, com certeza. Quando eu pas-
sei de batida, na boleia, vinha êle a cavalo,
mais o senhor D. José. E, ou foi dos meus
olhos, ou trazia sangue na cara!

DIOGO

Sangue?

TIMPANAS, *apurando o ouvido*

Espera! A modo que oiço... São êles, pela
certa!

ROMÃO

Pois sempre falo no lazão ao Conde!

MANGERONA, à porta do F., olhando

E' o senhor Conde! Olha! E vem no lazão!

TIMPANAS

Vem no cègueta, vem! (*Entendendo, a um sinal do DIOGO, que lhe diz qualquer coisa ao ouvido e aponta o ROMÃO*) Ah!

ROMÃO, que ouviu e se chega, desconfiado

Quê?

TIMPANAS, disfarçando, numa gargalhada, e cantarolando

O Manoel cègueta, que toca viola!

SCENA III

OS MESMOS, O CONDE DE MARIALVA, D. JOSÉ

MARIALVA, fora

Eh, Mangerona! Segura aqui os cavalos!

Todos, menos o ROMÃO, saem para a rua.

VOZES do TIMPANAS, do DIOGO e do MANGERONA

Senhor Conde! — Parabens! — Senhor Conde! — Senhor D. José!

ROMÃO, *de si para consigo*

Pois faz-me conta, o lazão!

MARIALVA, *entrando, com TIMPANAS e DIOGO, casaca vermelha, bordada a ouro, polaina à portuguesa, tal qual como toureou, a testa ensanguentada, uma chinela e uma flor na mão*

Correu tudo às mil maravilhas! Lindo sol e bois do Dâmaso!

ROMÃO, *descobrindo-se, numa cortezia que o CONDE não vê*

Senhor Conde!

MARIALVA

O D. José teve um belo rojão num caraça! Olá, rapazes! A Severa ainda não veio?

TIMPANAS

Eu também lá estive, no sol. Aquilo é que foi toirada de fidalgos!

D. JOSÉ, *entrando, também vestido à marialva, com uma manta no braço, gritando para fora e subindo logo as escadas da E. alta*

O Cambaio que leve o ruço!

TIMPANAS

Até me cresceu alma de o abraçar, senhor Conde!

MARIALVA

E por que não me abraças, Timpanas?

TIMPANAS, *acanhado*

Um reles bolieiro!

MARIALVA

O rei da boleia, bargante! Às varas da tua sege, não dura três dias um frisão de côche! És um artista a meter roda e um barra nas batidas! De esporas de latão e lenço de Alcobaça, aí onde te vêem, não há nenhum que te leve as lampas! Tens vergonha de me abraçar? Eu também já fui cocheiro. Venha de lá êsse abraço, Timpanas!

TIMPANAS, *abraçando o CONDE, comovido*

Oh, senhor Conde!

DIOGO, *ao* MARIALVA

Cocheiro?

MARIALVA

Em Londres, para me divertir!

TIMPANAS, *olhando-o*

Cheio de sangue!